

NÚMERO AVULSO 50 CENTAVOS

Série de 12 números, pagamento adiantado, 6\$00

Publicidade a preços convencionais

Editor — Eduardo Lopes

Tiragem: 10 000 exemplares

DIRECTOR

HENRIQUE GALVÃO

CORPO REDACTORIAL

HUGO ROCHA

J. MIMOSO MOREIRA

MÁRIO DE FIGUEIREDO

Redacção e Administração:

PALÁCIO DAS COLÓNIAS

(Palácio de Cristal)

▼ (TELEFONE 89) ▼

Composto e impresso na «Imprensa Portuguesa», Rua Formosa — Pôrto



# ULTRAMAR

## ORGAO OFICIAL DA EXPOSIÇÃO COLONIAL

### La próxima Exposición Colonial de Oporto

LISBOA. — En París el señor Laval ha anunciado a los periodistas que una Comisión establecida para ello, prepara una conferencia colonial económica y va a formular una lista de productos coloniales que pueda ofrecer alguna posibilidad de reemplazamiento de los productos que actualmente compra la nación francesa en el extranjero. Además, esta Comisión, tiene el encargo de llevar a efecto diversos estudios que beneficien la orientación política colonial de Francia.

Esta preocupación constante de Francia por sus colonias se mira aquí en Portugal con todo detenimiento y con todo cariño. Y es natural. En estos momentos Oporto, y con ella el Estado y todos los organismos que tienen algo que ver con la vida colonial portuguesa, está preparando una lucida Exposición de las manifestaciones y engrandecimientos coloniales de Portugal. Será la primera Exposición de este género organizada en este país. Ante esto no es extraño que todo cuanto acontece en el mundo colonista tenga para Portugal el máximo interés.

Timor, Angola, Moçambique, las Azores, la Guinea portuguesa, Santo Thomé, India y Macao estarán magníficamente representadas en la Exposición de Oporto en la que se trabaja activamente desde hace varios meses.

Emplazada la Exposición en el viejo parque de Oporto, al otro lado del Duero, el certamen tendrá toda la belleza espléndida del lugar, acrecentada por la que le preste la aportación considerable de las colonias varias y coloristas. No será la Exposición colonial de París, pero en interés exótico no le andará muy a la zaga. ¡Lástima que los españoles no aprendamos de esto algo muy útil para nosotros!

AUGUSTO GIL-VEGA.

(Do jornal *La Voz de Galicia*, da Corunha, de 17 de Abril findo).

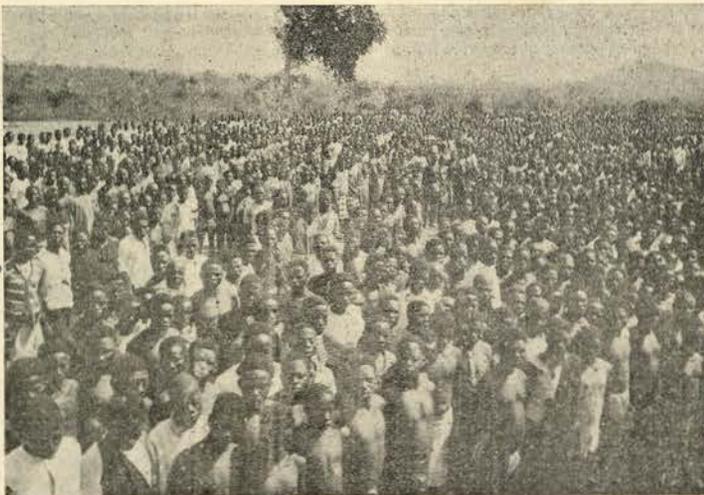
## O Ministério da Instrução e a Exposição

Um leitor do ULTRAMAR enviou-nos uma nota, alvitando o aproveitamento do edificio, presentemente desocupado, onde esteve a Caixa Geral dos Depósitos e em tempo mais afastado, os Grandes Armazens Hermínios do Pôrto.

Merece o assunto desenvolvido relêvo, porque o alojamento de forasteiros continua preocupando a direcção da Exposição. Do apêlo feito aos proprietários de hotéis e pensões pouco resultou e houve que recorrer para os particulares, incitando-os a alugar parte das suas residências ou simplesmente quartos.

Porque a lei do inquilinato, em vigor, embaraçava as sublocações, o Governo atendeu a um pedido da direcção da Exposição e promulgou um diploma autorizando-as, excepcionalmente, durante os meses do funcionamento do certame.

Depois disto o problema assumiu outro aspecto e a mais não pode ir a funções dos organizadores da Exposição, cujas atenções não devem pulverizar-se em questões de pormenor, embora se trate de assuntos de paralelo interesse. E' de esperar que, criado ambiente para atender ao apêlo, uma parte dos habitantes do Pôrto corres-



A ASSISTENCIA EM ANGOLA — Indígenas aguardando o momento de serem vacinados

ponda à intenção, visto que desta hospitalidade solicitada proventos materiais poderá tirar.

Mas há ainda umas facetas do problema por resolver: o alojamento dos estudantes em grupos e dos militares.

A Exposição Colonial não é uma simples diversão ou um expediente de carácter comercial, visando atrair concorrência e movimentar dinheiro. Tem um critério didático e uma finalidade instru-

tor. Luis Xavier Fernandes, vigário da paróquia de Mampad, da Costa da Pescaria da India Inglesa, teve há dias uma conferência com o sr. dr. Manuel Figueira, chefe de gabinete do sr. ministro das Colónias, sobre a pretensão de algumas paróquias da Costa da Pescaria, representando muitos milhares de católicos, que pretendem regressar à jurisdição do Padroado.

Nesse sentido foi apresentada ao Governo e à Santa Sé uma larga representação em que figuram muitos nomes e apelidos portugueses e outros de origem portuguesa, embora os seus signatários sejam de nacionalidade inglesa, como sucede com aquele velho missionário, cuja paróquia, fundada no século XVI pelos portugueses, ficou, pelo último acordo com a Santa Sé, fora da nossa diocese de Meliapor.

O governador de Cabo Verde está tratando de pôr em execução vários planos de obras, tendo já começado algumas, para o que tem sido admitido grande número de pessoal que estava desempregado.

Na Ilha de S. Vicente, promoveu várias obras do Estado, empregando nelas os trabalhadores que, devido à escassez de navegação, ao entorpecimento do comércio e à paralização da construção civil particular, se achavam desempregados.

A direcção da Sociedade de Geografia de Lisboa de acordo com a direcção da I Exposição Colonial Portuguesa, resolveu orientar a *Semana das Colónias* a realizar, no próximo mês, em todo o País, de modo a constituir como que a preparação espiritual da mocidade para a perfeita compreensão da magnífica lição de colónias que vai ser o certame colonial do Pôrto. Com este objectivo, está colhendo os elementos necessários para estabelecer as directivas que vão ser enviadas a todas as escolas e

outros organismos de cultura do País, esperando que, a exemplo do ano anterior, os seus patrióticos esforços em prol da propaganda do Império sejam secundados com entusiasmo por todas as entidades orientadoras da cultura e educação da mocidade.

## Os serviços de Agricultura e Comércio de Angola,

em harmonia com as suas dotações orçamentais, foram profícuos

O aumento e melhoria da produção agrícola de Angola, registadas pelas últimas estatísticas agora divulgadas, demonstram uma inteligente actividade e uma compreensão perfeita na precisa e justa expansão da agricultura como elemento fundamental da economia e da vitalidade da Colónia.

Reduzindo ao mínimo as despesas com o pessoal, que pouco excederam 600 contos, definiu-se com clareza, por meio do Regulamento das Campanhas de Produção Agrícola, que a assistência técnica só custa à economia da Colónia a verba consignada no respectivo orçamento.

Resumindo, pode dizer-se que, em pouco mais de ano e meio, os Serviços de Agricultura e Comércio fizeram, em favor dos agricultores, o seguinte:

— 4 pomares de reprodução (Mossamedes, Huila, Huambo e Bié) com 12.000 plantas frutíferas importadas da Metrópole, que já cederam gratuitamente milhões de enxertos e fruteiras enxertadas em cavalos já aclimatados.

— 100 toneladas de sementes seleccionadas de milho, distribuídas gratuitamente e produzidas nos seus campos de reprodução de sementes.

— Início do estabelecimento de duas grandes Estações de Reprodução de Melhoramento de Sementes com capacidade para 6.000 toneladas, tendo-se aberto na do plano de Benguela um canal de irrigação de 27 quilómetros, que deve constituir a principal obra de hidráulica agrícola da Colónia.

Estas Estações ficarão sendo grandes propriedades agrícolas-modelo de grande valor.

— Montagem na Estação Experimental do Algodão de um sistema de irrigação por meio de bombas, que assegura 100 hectares de cultura irrigada.

— Início de um importantíssimo trabalho de hidráulica agrícola no Posto Agrícola da Huila, assegurando a irrigação de algumas centenas de hectares.

— Construção de depósitos de sementes e câmaras de desinfeção em Caconda, Cuima, Nova Lisboa, Bailundo, Andulo e Catete.

— Montagem de uma fábrica de gesso em Mossamedes para fornecimento gratuito deste correctivo à agricultura do planalto da Huila.

— Dotação em cerca de 300 contos de máquinas e alfaias aos vários parques junto das Delegações, para utilização gratuita dos agricultores.

— Montagem do Laboratório de Patologia Vegetal e Entomologia Agrícola, de apreciável utilidade.

— Promulgação do Regulamento das Campanhas de Produção Agrícola em que toda a assistência material e técnica é gratuita.

— Montagem de dois postos de fomento agrícola.

— Construção de edifícios para pessoal europeu e indígena, hangares, abrigos para viveiros, abegoarias, armazéns, etc.

— Início de ordenamento de importantes núcleos de arborização.

— Organização da investigação científica, como base da assistência técnica.

— Ampliação das oficinas de beneficiamento de café em Luanda.

— Montagem, na Estação Experimental do Algodão, de uma oficina de desgranamento e prensagem.

— Prestação gratuita de assistência técnica e material, representada em ensinamentos, vistorias, certificados, máquinas, alfaias, sementes e plantas, que pode computar-se em muitas centenas de contos.

tiva, especialmente destinada à juventude, que precisa aprender, e às classes populares, que é mister orientar.

Está naturalmente indicado que durante o seu funcionamento sejam promovidas excursões escolares, proporcionando aos alunos dos liceus e escolas de toda a natureza, uma lição útil e agradável.

Também a direcção da Exposição se dirigiu aos reitores e directores dos estabelecimentos de ensino oficial e particular, suggestionando, com cerca de dez meses de antecedência, a organização duma caixa escolar, com quotização semanal ou mensal, que proporcionasse o amalhamento dum pequeno capital para cobrir o encargo duma deslocação ao Porto na oportunidade do certame.

Não há conhecimento de qualquer resultado obtido. Mas a circular provocou curiosas respostas, umas com pedidos para a Exposição ser adiada para outra ocasião, pois funcionaria em tempo de férias, dificultando a reunião dos alunos; outras lastimando que a Exposição não tivesse sido organizada em Lisboa, por considerarem a capital mais acessível; algumas alegando a dificuldade e carestia de alojamento para um grupo de alunos; e bastantes consultando se a Exposição pagava os transportes e a manutenção no Porto dos excursionistas académicos e dos professores que os acompanhassem.

O índice de atraso do nosso País conhece-se em muitas coisas e neste sector, para não abrir excepções, há muito que aperfeiçoar. Lastimando-se a maioria dos professores com a carência de compêndios e elementos para ministrar ensino colonial aos seus alunos, era de esperar que recebessem com interesse a ideia e a recomendassem aos encarregados de educação, incitando-os a fazer um pequeno sacrifício semanal, em que os próprios rapazes possivelmente colaboravam, sacrificando a assistência a uma sessão cinematográfica ou um desafio de foot-ball em cada mês.

O alvitre foi lançado em «cesto roto», como soe dizer-se... e continuaremos a ver os alunos estrangeiros passar nos nossos portos em excursões de estudo e recreio, viagens que não são, inteiramente, à custa dos seus governos ou das entidades oficiais, porque logo na juventude se educam os adolescentes no mutualismo e na previdência.

Como, porém, em Portugal nada se faz sem o amparo oficial, vamos ao apêlo para o Ministério da Instrução, que pode contribuir para tornar viável a aspiração.

O edificio desabitado que a Caixa Geral dos Depósitos certamente cederia, está em condições, depois duns beneficiamentos higiénicos, para improvisar camaratas onde possam ser instalados grupos de alunos. O mobiliário pode ser obtido, igualmente por cedência, de alguns quartéis, asilos, escolas e estabelecimentos oficiais. Possivelmente, parte das roupas e utensílios para uma «mess» serão obtidos nas mesmas condições.

Confiada a uma comissão local a direcção do alojamento, uma escala seria estabelecida, por forma a dar hospedagem simultânea, por dois dias, aos grupos académicos que se inscrevessem e organizassem oficialmente.

Quanto aos transportes, entendemos que uma dotação poderia ser inscrita no próximo orçamento do Ministério, mas destinada somente a auxiliar os estudantes manifestamente pobres, visto que os ricos ou remediados teriam já o alvitrado auxílio de alojamento e alimentação por dois dias — o da chegada e o da partida.

Dos professores não falamos, porque se o assunto oficialmente resolvido fór, não será, evidentemente, o nosso critério que prevalecerá: passagens gratuitas aos que acompanhassem grupos de uns tantos alunos fixados em tabela.

Se depois de todas estas deligências, alvitres e pedidos, nada resultar, a boa intenção de resolver o caso fica nitidamente provada, e as excursões escolares ficarão — para outra exposição...

MIMOSO MOREIRA.

## BIBLIOGRAFIA

«Manual do Colono»

O distinto escritor sr. Alfredo de Leão Pimentel, que é um temperamento estudioso, iniciou há anos, sob o título geral *Manual do Colono*, uma publicação que contém elementos de grande utilidade para todos os que vivem e exercem, em várias modalidades, a sua actividade nas colónias.

Depois de lançar no mercado *Noções de Higiene Colonial* e a *Guerra nas Colónias*, que alcançaram largo êxito, o sr. Alfredo Leão Pimentel apresentou o terceiro volume, do *Manual do Colono*, que reúne, também, valiosa informação.

Nesse trabalho, que é esclarecido com gravuras, trata-se, com largueza de pormenores e conhecimento da matéria em referência, das construções, topografia, sondagens, explorações mineiras, preparações zoológicas, meteorologia, antropologia, caça, pesca, fotografia, etc.

*Manual do Colono* é uma obra, a todos os títulos, recomendável. Os nossos colonos devem incluí-la na sua estante.

## A balança comercial de Angola em 1933

teve um saldo positivo de Ags. 70.893.667 contos ou sejam cerca de £. 630.000

Nos últimos anos muito se tem progredido em propaganda colonial.

Pelo resumo do que foi o movimento comercial de Angola em 1933, verifica-se, consoladoramente, que esta importante Colónia vencendo múltiplos obstáculos soube impor-se pelo seu esforço, merecendo, sem favor, a confiança do Governo, dos Bancos e das entidades económicas da Metrópole.

Dentro dos seus recursos, que não são, evidentemente, largos, o colono e o indígena de Angola, num ritmo de trabalho equilibrado, documentaram com êsse resultado notável, as suas inexgotáveis energias de actividade.

A Estatística dos Serviços Aduaneiros de Angola — repartição que se destaca pela sua organização modular — oferece os seguintes elementos que comprovam a nossa afirmação.

O comércio geral da Colónia cifrou-se em Ags. 478.340.082,00 assim dividido: Importação, 175.970.152,00; Reexportação, 3.324.537,00; Baldeação e trânsito, 52.208.374,00; Exportação, 246.863.819,00.

Verifica-se destes números que a balança comercial de Angola teve um saldo favorável, em 1933, de Ags. 70.893.667 contos ou cerca de £ 630.000, saldo êste que bate o record dos últimos 50 anos, período durante o qual se constatarem 32 anos em deficit e 18 em superavit.

Entre as alfândegas da Colónia, o maior movimento coube à do Lobito, com 220.717 contos e depois à de Luanda, com 138.322. Imediatamente a estas vem a do Dundo com 72.459 contos, dos quais 70.442 de diamantes, Benguela com 36.485, Mossamedes com 23.112 e Porto Amboim com 15.511. Todas as outras tiveram um movimento inferior a 10.000 contos. O menor foi o da Baía dos Tigres, com 13 contos.

O rendimento aduaneiro atingiu 42.637 contos contra 41.980 em 1932.

Registou-se, sobre o ano de 1932, um excesso de exportação de 49.628 toneladas, 1.066 cabeças de gado bovino e 225.724 quilates de diamantes. Assinalou-se, para menos, 6.813 toneladas e 3.328 cabeças de gado suíno, caprino e lanífero.

O excesso geral da exportação, excluído o gado e os diamantes, cifra-se em 42.815 toneladas.

## A tropa da Africa na Exposição

A companhia de landins de Moçambique, que vem para a Exposição Colonial Portuguesa, segundo telegrama do governador embarcou em 21 de Abril em Lourenço Marques, a bordo do paquete «João Belo» com destino a Lisboa, onde se apresentará na parada militar que se vai efectuar no dia 28 do corrente.

Esta companhia recebeu, antes de partir, uma intensa instrução, tanto militar como de ginástica e de jogos desportivos.

A banda de música da 1.ª companhia de infantaria indígena de Angola também vem a Lisboa no mesmo paquete, trazendo um variado repertório musical que muito há-de agradar, tendo para êsse fim sido sujeita a contínuos e demorados ensaios.

## Exposição Colonial Portuguesa

São as seguintes as concessões que pela Direcção da Exposição foram entregues a várias entidades particulares:

### 1 — Propaganda e Publicidade —

a) Album, catálogo e roteiro da Exposição, aos srs. Mário Antunes Leitão e Vitorino Coimbra; b) Publicidade ordinária no recinto da Exposição à sr.<sup>a</sup> D. Leopoldina Kopke de Carvalho Reis; c) Publicidade sonora (por meio da Radiofonia dentro do recinto da Exposição) à Clarion Rádio; d) Publicidade luminosa (Reclamo utilizando processos luminosos) aos srs. Neuparth, Limitada; e) Turismo e Excursões, à Revista Latina; f) Fotografia, ao sr. Alvaro & C.<sup>a</sup>, Limitada; g) Filmagem cinematográfica da Exposição ao sr. Anibal Contreiras; h) Discos, ao Grande Bazar do Porto; i) Publicidade cinematográfica, ao sr. Alfredo da Cunha Lamas.

II — Diversões — a) Teatro Gil-Vicente, à Empresa Rey Colação-Robles Monteiro; b) Aparelhos e pavilhões género Luna-Parque, ao sr. José Júlio Vilaça; c) Cabo aéreo, ao sr. engenheiro António Belo; Cinema, ao sr. Alfredo Cunha Lamas.

III — Vendas — a) Cerveja e refrigerantes à Companhia União Fabril Portuense; b) Vinhos do Porto, de mesa maduros e verdes e espumosos das suas marcas, à Sociedade dos Vinhos Borges & Irmão, Limitada; c) Vinhos espumosos, verdes e maduros, das suas marcas, à Espumosa; d) Águas minerais, à Sociedade Vidago, Melgaço & Pedras Salgadas; e) Sandwiches e Salsichas, aos srs. Gartner & C.<sup>a</sup>; f) Bolachas, biscoitos, chocolates, rebuçados e caramelos do seu fabrico, a Favorita, Limitada; g) Tabacos, ao sr. Adão Dickson Leal; h) Postais gravados em ouro e prata, ao sr. António Saldanha Moniz Wanzeller; i) Objectos de ouro e prata com carácter regional e colonial, à Ourivesaria Aliança; j) Objectos de ouro, prata e filigranas portuguesas, à Ourivesaria Cunha; k) Frutas verdes (especialmente frutas tropicais), ao sr. Amadeu da Conceição Roxo.

IV — a) Restaurantes de luxo e popular e bar, aos srs. Manuel Macieira, em C.ta; b) Livraria, à sr.<sup>a</sup> D. Alice Lage; e c) Barbearia e engraxadaria, ao sr. Artur Augusto Pais.

Até 15 de Maio próximo são aceites propostas para mais concessões, nos termos do artigo 62.º e seguintes do Regulamento Geral da Exposição.

## ULTRAMAR

vende-se em Lisboa na  
TABACARIA MONACO

# O COMBATE DE NAGUEMA

## E A TOMADA DE IBRAHIMO, NA CAMPANHA DOS NAMARRAIS

"Excerto da brilhante e patriótica palestra de propaganda colonial realizada em 9 de Março findo no Porto pelo sr. Conde de Vilas-Boas, brioso oficial da Armada e antigo Combatente das Campanhas de Africa."

### Preparativos para a expedição

«Eu era nesse tempo — há 32 anos — Guarda-Marinha, o que em caão de bordo se chamava «uma penosa de bico a arrastar pelo chão», como quem dissesse em linguagem corrente «um franganote». Acabava de chegar a Lisboa, da minha viagem de instrução a bordo da Corveta Duque da Terceira, comandada por um grande e glorioso Marinheiro, o Capitão de Fragata Augusto de Castilho.

Estava a organizar-se uma expedição de tropas para castigar e submeter os Namarras, povo aguerrido e temido, que a dois passos mesmo da Cidade de Moçambique, capital daquela Província, estava em rebelião contra a autoridade Portuguesa, e tinha ainda havia pouco, obrigado a retirar, no combate da Mojienga, uma coluna de tropas Portuguesas, com graves perdas em mortos e feridos, entre os quais o Governador do Distrito de Moçambique, o valente Capitão do Estado Maior Eduardo Costa.

Da força expedicionária devia fazer parte uma Companhia de Marinheiros, para cujo comando ia ser nomeado um oficial que já tinha uma grande susedia de valentia, o 1.º tenente da Armada João de Azevedo Coutinho, o mesmo que no Chire tinha levantado bem alto o prestigio das armas Portuguesas, combatendo bravamente os Makololos que tinham invadido os nossos territórios, e cujo heróico comportamento, como o de Serra Pinto, tinha originado reclamações por parte da Inglaterra, que alegava que os Makololos eram seus vassallos, reclamações que tinham tido como fecho o *Ultimatum* de 11 de Janeiro de 1890, que obrigou o Governo de então a mandar retirar aqueles valentes das posições que tão gloriosamente occupavam e defendiam.

Declarado pelo Parlamento «Benemérito da Pátria», o nome de João Coutinho tinha um enorme prestigio; os Marinheiros sentiam por ele uma espécie de afeição; quanto aos Guardas-Marinhas daquelle tempo só tinham uma ambição: seguir-lhe o exemplo.

Ao saber que éle ia comandar a Companhia de Marinheiros que ia combater os Namarras, eu, modesto guarda-marinha, que só pensava em «Servir» e em illustrar por mim o meu nome, resolvi ir ter com éle e pedir-lhe que me levasse como subalterno. E não meti empenhos, nem falei a mais ninguém. Procurei-o um dia no Comando Geral da Armada, e encontrando-o em um dos corredores do Ministério da Marinha, apresentei-me e fiz-lhe allusão ao meu pedido. Examinou-me de alto a baixo, e parece que não lhe desagradou a minha decisão. Foi nomeado para Moçambique.

Desde esse dia que o Comandante João Coutinho sabe que tenho por éle uma gratidão, uma amizade, e uma dedicação, que estes 32 anos passados e o ter depois servido muitas vezes sob as suas ordens, só fizeram aumentar cada vez mais.

Partimos daí a dias no vapor «Zaire», de que o próprio João Coutinho ia como Capitão de Bandeira. A Companhia de Marinha tinha 176 praças de *pret* e sargentos, e 8 officiaes, além do Comandante.

### Evocando a figura de Mousinho

Governava então a Província de Moçambique o vencedor do Gungunhana, Mousinho de Albuquerque. Não preciso de dizer quem era esse grande e magnifico Português. O seu nome glorioso enche a História de Portugal daquelle tempo. Só direi, como humilde homenagem à sua exccelsa memoria, que considero a maior honra da minha vida militar o ter servido sob as suas ordens e o ter merecido, por vezes, os seus louvores, e que me orgulho de o ter tido como amigo.

A 22 de Fevereiro partimos de Moçambique para a base de operações, em Natule, pósto militar da Capitania Mor das Terras Firmes, de que era Capitão Mor o então Capitão Gomes da Costa, hoje Marechal do Exército Português. Foi com éle que eu e os meus camaradas almoçamos na Sede da Capitania Mor, naquelle dia 22 de Fevereiro de 1897.

### A concentração de forças

Como nota, para mostrar como era aquella guerra, e como era o espirito «Guarda-Marinha» com que iamos para ella, direi que a cada um de nós só eram consentidos 7 quilogramas de bagagem, e que a de cada Guarda-Marinha, pesada antes da partida, não chegava a esse peso. E para não sobrecarregar o combóio de abastecimentos, que naqueles terrenos tinha grande difficuldade em se metter, resolvemos não fazer rancho à parte e comer o mesmo rancho dos nossos Marinheiros, o que fizemos até ao fim da Campanha.

No dia 23 terminou a concentração das forças, de que nesse mesmo dia o Governador Geral Mousinho de Albuquerque assumiu o Comando.

No dia 24 houve Missa Campal a que assistiram todas as forças, e a seguir revista pelo Governador Geral, Comandante da Coluna de Operações.

A cada um de nós deu o Reverendo Missionário que celebrou a Missa, que é hoje Monsenhor Gustavo Couto, um escaupilho do Coração de Jesus. Ainda aqui tenho o que éle me deu.

A tarde foi distribuído o rancho frio para o dia seguinte, chourico e bolacha, e generosa para misturar na água que daí por diante havia encontrar péssima.

E no dia seguinte, 25, avançamos para o território dos Namarras.

### Dando combate aos Namarras

A 3 de Março, tendo sido occupada sem resistência do inimigo a povoação de Naguema, onde bivacamos, sentia-se logo de manhã, um vivo tiroteio. Formadas immediatamente as forças, o primeiro pelotão de Marinha, de que eu fazia parte, e o primeiro pelotão de Infantaria 4 receberam ordem de avançar na direcção do fogo que se ouvia cada vez mais intenso.

Iam os dois pelotões sob o comando do Capitão Passos e Sousa de Infantaria 4.

Partimos em acelerado, e coisa de um quilómetro à frente, encontramos os nossos auxiliares indígenas empenhados em combate com os Namarras, em uma clareira, onde os nossos se batiam no meio de um vi-o tiroteio, e uma gritaria e um barulho infernaes.

Estendido logo em atradores, o meu pelotão avançou mais uns cinquentos metros até que uma descarga cerrada, dada muito perto nos fez parar, e joelho em terra, os Marinheiros começaram a fazer fogo por descargas, à voz de comando, para os sitios onde se via o fumo dos tiros do inimigo; dos Namarras não se via um só no meio do matagal espesso, mas as balas zumbiam-nos aos ouvidos e iam fazendo os seus estragos.

Poucos minutos depois cessava o fogo do inimigo que um reconhecimento dos auxiliares deu como tendo desaparecido.

Tocou a «Cessar fogo» e veio ordem para retirar-mos. Mal tinhamos dado meia volta, várias descargas cerradas fizeram-nos fazer alto e frente ao inimigo que, emboscado no mato, atirava com fúria. Ao meu lado caiu redonda ao chão uma praça de marinhagem, o grumete n.º 150 da 2.ª Companhia do Corpo de Marinheiros, Vicente da Silva Godinho, por alcunha de bordo «O Bate Certo». Caiu de costas e jorrava-lhe o sangue dum olho. Pensei que estava apenas ferido, mas estava morto como vim a saber depois na ambulância, quando o combate acabou. Algumas praças levaram-no em braços para a ambulância que vinha a chegar.

Ao mesmo tempo outra praça tinha um braço atravessado por uma bala; era o grumete n.º 108 da 2.ª Companhia do Corpo de Marinheiros, chorava com dores e tinha a manga da camisola a arder; o tiro que o feriu tinha sido dado verdadeiramente à «queima roupa»! Em um instante cortei-lhe à navalha a manga, e o meu camarada Guarda Marinha Casqueiro apagou-lhe com as mãos o fogo do resto.

### A luta ganha intensidade

Entretanto o fogo continuava, estando em linha de atradores os dois pelotões, e nos flancos os irregulares. Os Namarras

## Certame Colonial de Escoteiros

A Escola Superior Colonial e a Agência Geral das Colónias, em officios subscritos pelos srs. conde de Penha Garcia e tenente-coronel Garcez de Lencastre, communicaram à Associação dos Escoteiros de Portugal o seu propósito de contribuirem, também, para a preparação do *dossier* de informações relativas aos diversos pontos que vão ser versados na Conferência Colonial de Escotismo, a realizar, no próximo mês, em Paris.

A A. E. P. já informou as entidades officiaes sobre tudo quanto era do seu conhecimento, aguardando agora que a Organização Escotista de Portugal designe a delegação portugueza a tempo de ser eficiente a participação de Portugal que, como potência colonial e colonizadora, não pode limitar-se a estar presente na reunião.

O Governador Geral de Angola esteve, recentemente, em Benguela, a convite da Associação Commercial daquela cidade e da respectiva Câmara Municipal, sendo a recepção nas duas colectividades caracterizada por enorme concorrência de habitantes, tanto de Benguela como do Lobito, elemento official e officialidade do aviso *Gonçalves Zarco*, de passagem para Moçambique, tendo tudo decorrido na maior cordalidade e brilho e sendo tratados assuntos da maior importância.

escondidos no mato, alto e densissimo, não se viam, sentia-se apenas o fogo violento que faziam. Vinham chegando reforços o que fez com que o inimigo desanimasse, e passada mais uma hora retirava de vez. Sairam em perseguição d'ele os auxiliares indígenas de Gomes da Costa, e recebemos ordem para recolher ao bivague, onde à frente de todos os outros officiaes da columna, Mousinho de Albuquerque nos felicitou pelo nosso comportamento naquelle primeiro combate, e nos ofereceu um calix de vinho do Porto, um Porto de Honra, como agora se diz, e muito bem.

Foi assim o combate de Naguema, e nele o meu baptismo de fogo. Na Ordem desse dia à Coluna de Operações figurava com louvor, que Mousinho de Albuquerque era muito parco em dar, o nome de officiaes, marinheiros e soldados que tinham tomado parte no combate.

Foram mandados expedir telegramas para El-Rei e para o Governo, e o nosso Comandante telegrafou ao Comandante da Divisão Naval e ao Almirantado dando conta desse primeiro successo das nossas armas, e do comportamento das forças.

Graças a éle tinha ficado despendido o caminho para a povoação do Ibrahimo, um dos principaes redutos dos Namarras.

Nessa noite enterraram-se os mortos no combate e à beira das sepulturas, Mousinho de Albuquerque disse umas palavras comovidas, daquellas palavras que nunca mais esquecem, sentindo que não estivesse ali um Padre que, como depois do combate da Mogenga, rezasse pelos nossos camaradas que tinham morrido da verdadeira morte do Soldado em frente do inimigo. E pediu a todos que rezassem por alma d'elles um Padre Nosso. Findo o que, deitou uma mão cheia de terra sobre os cadáveres, e nós todos fizemos o mesmo.

As descargas foram dadas com bala e pontarias baixas na direcção do inimigo.

De noite os Namarras atacaram várias vezes o acampamento, mas estavam alerta e foram repellidos.

E no dia seguinte marchamos em direcção ao Ibrahimo.

(Conclue no próximo número).

CONDE DE VILAS-BOAS.

## Os Congressos de Povoamento e de Imprensa

Além dos Congressos a que temos feito referências, em projecto, para realização paralela à Exposição Colonial, em montagem no Pórtio, estão sendo organizados mais dois: — «povoamento» e «imprensa».

Foi a organização do primeiro comitê à Sociedade de Geografia de Lisboa, coletividade de brosas tradições, que ao assunto de povoamento tem dispensado atenções, tendo sido por sua iniciativa bastantes vezes focado o problema.

Para colectânea de estudos e preparação de teses reuniu já a comissão técnica da Sociedade, que compôs um programa e vai iniciar os trabalhos respectivos para a celebração do Congresso.

O povoamento das colónias portuguesas é dos sectores da colonização o mais vasto, pelos múltiplos aspectos de que se reveste. Possuindo Portugal colónias em Africa, na Índia e na Oceania, que englobam as mais variadas raças e costumes, com densidades díspares, o assunto é complicado e exige um grande desenvolvimento para ser tratado.

Tem naturalmente de compreender aspectos da assistência, imigração, migração, económico e social. Há povoamento europeu e indígena, feito com deslocações de naturais para correções de densidade de população. Há ainda casos especiais de permanência accidental, como se verifica em S. Tomé com os serviaes e em Macau com os pescadores e marítimos chineses; o problema especialíssimo dos efeitos da imigração para as minas do Rhand.

A colonização por brancos, europeus ou assimilados, nas regiões planálticas de Angola é um dos mais belos temas do povoamento. Tem merecido a atenção de muitos estudiosos e provocado referências aos estrangeiros que a colónia visitaram. Todas as teses que o compreendam são, evidentemente, de especial interesse, embora versem assunto debatido.

Mas o estudo da colonização por europeus não pode, evidentemente, circunscrever-se às regiões que os higienistas consideram adaptáveis à raça branca. Com o desenvolvimento que se vai accentuando, duma maneira geral, em todos os territórios nacionais do Ultramar, a vida do europeu tornou-se mais ou menos suportável e os recursos de ciência, os meios de transportes e comunicações modernas, o conforto e a defesa contra os rigores dos climas, transformaram paragens inhospitas ou pouco saudáveis, em zonas de vida possível, onde a resistência é relativamente fácil, levando a admitir, sem protesto, a afirmação de que hoje já não há terras inacessíveis ou inhabitáveis.

Foram assim modificados os aspectos do povoamento que tem presentemente, nos factores económicos, a sua principal faceta, pois se respectem no Ultramar as dificuldades que antolham os meios sociais do País.

Curiosos vão ser pois os estudos apresentados a esse Congresso, porque tem de ser encarados, fatalmente, nestes moldes — representando uma valiosa contribuição para a solução do problema da imigração nacional; e um útil subsidio para o Governo o resolver.

O outro Congresso que se projecta

## DO PASSADO AO FUTURO

# Através da Exposição Colonial...

A I. Exposição Colonial Portuguesa, cujo dia inaugural se aproxima e por cuja realização se manifesta, dia a dia mais intenso, o interesse de todos os portugueses, vai revelar, todos o sabem, o que se fez, o que se faz e, sobretudo, o que é possível fazer-se nos extensos domínios de Portugal no Ultramar.

O aspecto retrospectivo, naturalmente, terá as honras da curiosidade dos visitantes. Todos quererão ver como foi possível, em territórios inhóspitos e longínquos, construir um outro Portugal.

A epopeia dos Descobrimientos e das Conquistas, tão cara, sempre, à sentimentalidade portuguesa, porque lisonjeia as qualidades da raça, porque lhe fida de heróismos e de grandezas, de sacrificios e de triunfos espantosos, terá, na Exposição, uma espécie de altar. E o português, por mais céptico, por mais indiferente, por menos *passadista* ou mais *futurista* que seja, fixará, embevecido, toda a série de objectos, de figuras, de mapas, de legendas, de aspectos que lhe evocam o esforço dos grandes portugueses da Aventura e considerará, com enternecido espanto, a estatura desse Passado gigantesco.

Digam o que quiserem: que o Passado não volta; que é estúpida a contemplação do que foi; que só para a frente se deve olhar... Repisem, se lhes aprouver, a área do desprezo pelo que é de *ontem* e do interesse pelo que é de *amanhã*, tão em voga em certos meios que apregoam o seu encargo modernismo e pregam a guerra santa contra o saudosismo e a pinguice das recordações históricas...

A grande massa dos portugueses há-de continuar a vibrar com a narrativa dos feitos de Quinhentos, há-de comover-se com o Drama de Pedro I e a desditosa Inês, há-de

curvar-se, intimamente, perante o arnés severo de Afonso Henriques, as barbas proféticas do Gama, a espada invencível de Afonso de Albuquerque.

A figura de Nun'Alvares, pelo que tem de sobre-humano e pelo que mostra de místico, terá, sempre, admiradores fervorosos e sinceros. As grandes datas da História, mesmo as que traduzem descalbro e dor, como o dia de Alcácer-Quibir, como a derrota do Prior do Crato, como Toro, não se apagarão nunca da imaginação dos portugueses, como se apaga, numa lousa de escola, um ditado corrigido.

E que o Passado tem vida própria. Tem uma vibração especial e latente. Tem qualquer coisa de sobrenatural, de divino, se quiserem.

E, assim, ao lado do progresso que, em toda a parte, crava a sua picareta irreverente, o vestígio do que foi conserva-se, teimosamente, obstinadamente, como se fosse sagrada e intangível a sua permanência no tempo e no espaço.

E, como o espírito humano, quando quere ser justo, sabe dar a cada coisa o seu valor, vamos assistindo, por toda a parte, desde os países mais tradicionalistas, mais *conservadores*, até aos que mais se ufam do seu avanço material, a uma respeitosa conservação das grandezas passadas, como se elas, por serem velhas, fossem a própria consubstanciação da resistência humana. E os homens, sempre orgulhosos do que fizeram, por mais iconoclastas que pareçam, julgam ver, talvez, nessa resistência, um prémio da sua obra e a demonstração de que não é tão vão como se diz aquilo que os braços ergueram e os cérebros pensaram, em comunhão de esforços...

Eis porque, na I Exposição Colonial Portuguesa, como, de resto, em qualquer

realizar promove uma reunião de jornalistas da metrópole e das Colónias para o estudo da acção da Imprensa, sua especialização, protecção, combinação de esforços e por assim dizer, confraternização.

E sabido que os jornais da Metrópole, especialmente os chamados da «grande imprensa» tem nos seus elencos redactoriais especializados para tratar de assuntos diversos: politica, desportos, teatros, económicos, rua (casos de policia), sociedade, cinema, taormaquia, etc. Os assuntos colonias, com excepções tão raras que se contam pelos dedos, são tratados episódicamente, limitando-se os periódicos à publicação das informações de carácter officioso ou às notícias que diariamente, em circular, são fornecidas por um repórte da Arcada.

As revistas e jornais da especialidade carecem de ambiente, protecção do público e das instâncias officiais — lutando, quasi todas, com dificuldades. As próprias edições officiais de carácter colonial necessitam duma maior divulgação para corresponder os seus objectivos.

Por outro lado, os jornais das colónias

são na Metrópole, na sua maioria, desconhecidos, não só do grande público, como até dos profissionais do jornalismo. A accusação que se faz ao professorado do País, de não ministrar à geração escolar ensinamentos sobre assuntos colonias, por falta de compêndios e conhecimentos próprios — pode ser extensivo aos proprietários e directores dos jornais portugueses que limitam os seus horizontes de exploração industrial e intelectual.

De há muito que vem sendo reconhecida a necessidade de arrear o conceito de que «o resto de Portugal» não interessa...

Debater pois estes assuntos numa reunião, modesta embora, mas que é a primeira, e pode ser útil, não deixa de ter a sua oportunidade quando no País se celebra um certame da natureza da Primeira Exposição Colonial Portuguesa.

MIMOSO MOREIRA.

Do Jornal do Comércio e das Colónias.



certame realizado ou a realizar, os aspectos retrospectivos são, de todos, os mais amorosamente fixados.

Mas eu não pretendo dissertar sobre o subjectivismo dos visitantes da Exposição nem, tampouco, filosofar acerca de postulados que dizem respeito a sistemas próprios e bem concebidos.

Quero, apenas, com estas palavras despretensiosas, focar o valor que representará, no conjunto do grande certame de propaganda colonial, a demonstração, panorâmica ou gráfica, das actividades que se relacionam com o futuro dos domínios ultramarinos de Portugal.

E porque estas actividades, sendo essenciais para a vida das Colónias, seja das nossas seja das alheias, carecem, no certame que vai ser inaugurado em 15 de Junho, de um destaque especial, importa que o publico, magnetizado pelo sentimentalismo do Passado e pelo exotismo da etnografia colonial, não deixe de considerar o que poderá ser esse Futuro de que tanto se fala e tão alto se apregoa.

O futuro de Portugal está nas suas Colónias!

Sim, a frase é justa. E, mesmo, perfeitamente. Simplesmente, à força de batida e rebatida, é preciso dar-lhe uma nova vibração, é indispensável conferir-lhe um interesse novo.

Primeiro que tudo, urge acarinhar as iniciativas nacionais. O esforço português nas Colónias tem de intensificar-se, para que as Colónias sejam cada vez mais portuguesas.

Doutro modo, deixando o ao desinteresse nacional se sobreponha o interesse estrangeiro, o futuro de Portugal estará, realmente, nas Colónias, mas será, então, um futuro perdido...

Há dias, não amiga poisava-me sob os olhos um opúsculo elegante, em couche amarelado. Um ante-título discreto: *Fomento de Angola. Um titulo elucidativo: A «Cefar» e o problema do milho angolano.*

De entrada, após as palavras necessárias de exploração, estourtas que quero fixar, aqui, como afirmação dum propósito em que é preciso atentar: *O extenso território de Angola, o maior de todos em que flameja a bandeira verde-rubra das quinas, foi o escolhido para o desenvolvimento da sua actividade, por ser aquele, de todas as possessões portuguesas, que mais carece de valorização.*

E, a seguir, apontando uma verdade: *As imensas riquezas improdutivas do seu solo fértil, nas entranhas do qual corre uma seiva premeledora, não podem permanecer por mais tempo immobilizadas sem que corra grave risco a própria soberania nacional.*

Assim o entendem todos os colonos e nesse sentido se tem orientado no Continente a propaganda do Ultramar Português.

Creio que estas expressões, pelo aspecto profundamente patriótico que evidenciam, estão ou devem estar no animo de todos os bons portugueses.

Não é vulgar ver as empresas industriais, que, para os seus capitais, usam esco-



O Estádio de Macau

ESTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

UM COLONIALISTA ILUSTRE

# O general João de Almeida e a sua actuação no Ultramar português

Noticiou a Imprensa diária, recentemente, a promoção do brigadeiro João de Almeida ao posto de general.

ULTRAMAR, como publicação inteiramente votada, pela sua qualidade de órgão oficial da I Exposição Colonial Portuguesa, à causa do colonialismo português, não quer deixar de apontar o facto, nas suas colunas, por se tratar de alguém que por essa causa tem dado o melhor do esforço do seu braço e do seu cérebro.

A proposta do Conselho Superior de Promoções, para a elevação ao generalato de João de Almeida, foca, assim, a actuação do ilustre militar na Africa portuguesa:

«Foi o brigadeiro João de Almeida proposto para promoção, por escolha, pelo Conselho Superior de Promoções reconhecer que, entre todos os candidatos, era ele o que mais se distinguia, pelos seus atos e relevantes serviços prestados ao Exército e à Pátria, porquanto: Tem cinco louvores, quatro dos quais por operações em campanha e nas quais revelou valor, serenidade e alto espirito militar, sendo-lhe concedida a medalha de ouro pelos serviços distintos e relevantes no Ultramar, pelos actos e importantes serviços que prestou na Província de Angola, de 1908 a 1910, sendo governador ocupação do referido distrito por uma forma brilhantíssima. Nesta fase da sua vida de militar patenteou elevadamente uma vontade firme e enérgica, orientada por uma grande capacidade mental, que tão prestigiosa tornou a acção do seu comando, cheia de patriotismo e iniciativa.

Desta sua decisiva acção resultou a pacificação da região confiada ao seu governo, bem como a livre circulação com o Humbe e Cuamato e a submissão da rica e insubmissa região ocidental dos Gombos.

Em 1910 comandou as colunas de operações do Evale, cuja ocupação se deve ao seu valor e tenacidade, resultando da sua enérgica acção o estabelecimento de uma linha de penetração, que deu lugar à subsequente submissão dos outros povos circunvizinhos do Ovampo e a ocupação de territórios, permitindo formar a base para a fixação da fronteira Sul de Angola.

Ainda no mesmo anno comandou a columna que levou a efeito a ocupação do Baixo Cubango, acção esta considerada, superiormente, extraordinária, relevantíssima, por dela ter resultado a penetração da soberania da Portugal até aos confins do Sul de Angola, através de regiões desconhecidas e de

povos rebeldes, permitindo firmar e definir a fronteira com a antiga colónia alemã.

Em 1910 comandou com o mesmo valor as colunas de ocupação de Pecoto, Oteker e Cáfima, sendo ferido.

Tem mais dois louvores, o primeiro pela iniciativa e preparação de uma carta itinerária de Angola e elaboração de duas fôlhas da referida carta, o segundo pela elaboração da estatística de Angola.

Tem publicado diversos trabalhos de alto valor militar e mérito vulgar, distinguindo-se entre elles o seu notável livro *Su de Angola*, pela intelligência e patriotismo nele revelado, dada a forma como concebeu e orientou a sua administração no distrito de Huila. O valor dos princípios e normas estabelecidas nesta sua obra é tão grande que ainda actualmente são seguidos, na sua maior parte, com proveitoso resultado. Nela afirma-se o elevado critério e o profundo tacto administrativo do seu autor, e tão grande é o seu espirito organizador e presidente que mereceu as versões alemã, inglesa e franceza.

Tendo assim em consideração: Que o brigadeiro de Infantaria, João de Almeida, comandou diversas e importantes colunas de operações em Angola e que, conquanto esses comandos não fossem efectuados no posto de coronel ou brigadeiro, contudo os exerceu, sendo capitão, na qualidade de governador e, pela importância dos effectivos das respectivas colunas e das operações realizadas, esses comandos se podem considerar de igual ou superior valor aos exercidos naquelles postos, como se constam da sua fôlha de matrícula e cuja redacção constata o alto valor com que esses serviços foram considerados superiormente.

Que foi ferido por duas vezes em combate, recusando-se numa delas a abandonar o comando da columna.

Que lhe foram concedidas diversas condecorações por serviços prestados em campanha e noutras situações, entre as quais se distinguem pela sua importância e valor: Comenda e Grande Officalato da Torre e Espada;

Medalha de ouro por serviços distintos e relevantes no Ultramar;

Medalha militar de ouro da classe de bons serviços com palma.

Grã-Cruz do Império Colonial.

Que prestou importantes serviços técnicos ao Exército e ao País, como se constata da sua fôlha de matrícula pelos diversos louvores que lhe foram concedidos;

Que elaborou e publicou diversos trabalhos de grande valor militar e mérito literário e científico, reveladores duma capacidade intelectual muito superior ao vulgar;

Que além de possuir o curso do Estado Maior, possui o bacharelato em filosofia e o curso de engenheiro civil pela escola de Paris.

Por todas estas razões foi proposto o

## A Exposição Colonial e a Galiza

Como temos acentuado, autoridades consulares, na Galiza, tem dispensado o mais devido interesse à próxima realização da Exposição Colonial. Aqueles funcionários estão dispensando uma grande actividade no sentido de por todos os meios ao seu alcance, atraírem ao Pôrto, durante o certame, o maior numero possível de galegos. A propaganda intelligente e tenaz que tem feito está despertando um grande interesse na Galiza, o que é assinalado pelo numero de consultas que, diariamente chegam à direcção da Exposição, com o fim de obterem informes sobre meios de transporte, alojamentos, etc. Destacaremos das pessoas que mais tem trabalhado em tão patriótica propaganda, os srs. cônsules de Portugal em Vigo e na Corunha.

Dentro de breves dias, deve sair um decreto que dá a maior soma de facilidades na passagem da fronteira, durante a Exposição Colonial. A exigência de formalidades legais será, por isso, reduzida ao minimo e a fronteira, por esse decreto, ficará aberta, até às 24 horas, enquanto durar a Exposição. Dispensamo-nos de encarecer as vantagens que tal resolução trará ao grandioso certame portuense. Os serviços municipalizados das águas e saneamento estão procedendo à instalação de uma nova e completa rede de canalização para abastecimento do Palácio de Cristal. A Inspeção dos Incêndios reclamou contra o facto do diametro dessa canalização não ser sufficiente. Em consequência dessa reclamação, devem ser modificadas algumas das canalizações, já instaladas.

brigadeiro de Infantaria, João de Almeida, para a promoção a general, por escolha, para preenchimento da vaga occorrida no quadro do generalato, pela passagem à reserva do general Eugénio Augusto Almada Castro Bilstein de Menezes.

Reproduzindo este notável documento, ULTRAMAR presta ao General João de Almeida a homenagem a que tem direito todos os portugueses que tem sabido, como éle, prestigiar e defender, longe da Metrópole, o nome augusto de Portugal.



lher termos mais práticos e de menor alcance nacional, exporem, assim, os propósitos que as animam.

E, quando, como esta *Cefar*, abreviatura da Companhia dos Cereais e Farinhas de Angola, elas se propõem aportunar, cada vez mais, a industria angolana, há que aplaudir, sinceramente, sem reservas.

E' raro, raríssimo, até, ver os capitais portugueses da Metrópole procurarem o amplo terreno colonial para sua expansão.

Ao contrário do que se tem verificado, por exemplo, com a Bélgica, cuja expansão industrial e comercial no Congo assume, sob determinados aspectos, características colossais — a *Katanga* fornece-me o ensino precioso de o noiar — o industrialismo português teme, no geral, o campo imenso de actividade que lhe oferecem as nossas Colónias.

Há um receio, quasi supersticioso, a anquilosar iniciativas que logariam, no Ultramar, êxito seguro e franco.

Ora o opusculo que me mandaram e me sugeriu este artigo singelo acentua, precisamente, a quebra desse receio, que é, como quem diz, a superstição do *longinquo*, do *desconhecido*, do *inhospito*.

Estas palavras que quero, ainda, respigar, provam-nos bem: *São, além disso, as grandes empresas as únicas que conseguindo reunir as enormes massas de capitais capazes de desenvolver em alta escala determinada produção, se converterem, ainda, por força da sua actividade, em muralhas estáveis e seguras que protegem com confiança e as ficam no solo africano as correntes de imigração que arrastam sempre na sua retaguarda.*

Os homens da Companhia dos Cereais e Farinhas de Angola, propondo-se, montar, em Nova Lisboa, uma fabrica de moagem grandiosa, vão, certamente, enfrentar um problema dos mais importantes para a economia do maior dominio ultramarino de Portugal. O seu programa de acção, que me foi dado apreciar, comporta empreendimentos dum alcance notável.

Trata-se, evidentemente, dum esforço nacional que não carece de comentários, tão elevado se mostra, mesmo sob o caracter mercantilista imane a toda a empresa comercial ou industrial.

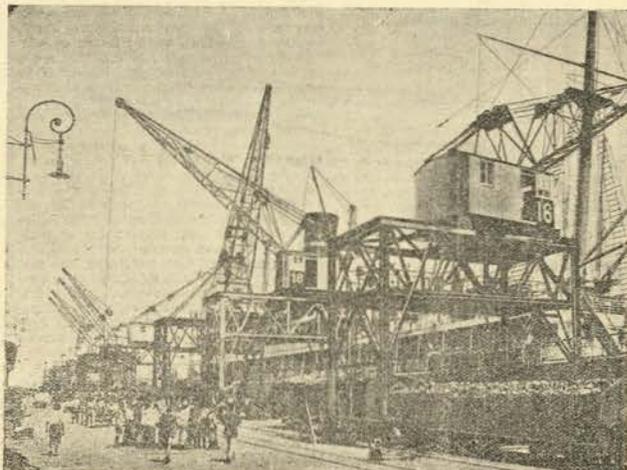
E é esse esforço, a que quero render o meu decidido aplauso de português, que deve ser pósto como exemplo, num país e numa época em que o velho espirito de Aventura, que *deu mundos novos ao mundo*, parece andar abatido e desterrado.

A I Exposição Colonial Portuguesa, consagrando-se, numa considerável parte, a mostrar aos portugueses as possibilidades nacionais no Ultramar, vai criar, certo, estímulos novos. Novas energias vai fomentar.

Importa, portanto, que tal exemplo seja salientado, seja glorificado. Para que, ao contemplar o que se fez e o que se faz nas terras que Portugal descobriu ou conquistou, por esse mundo, surja, naturalmente, ante cada espirito maravilhado, esta certeza inabalável: *! Quanto se pode fazer, ainda!*

HUGO ROCHA.

Cais de Lourenço Marques



**ULTRAMAR** é largamente distribuído pelas Colónias, consulados e casas de Portugal no estrangeiro, centros de turismo, estabelecimentos de cultura e ensino oficiais e particulares, associações comerciais, agremiações, organismos coloniais, etc.

# Informação da quinzena

## O que se faz para a Exposição

### Leal da Câmara

O talentoso artista e professor Leal da Câmara, que está encarregado da decoração da Companhia de Moçambique junto da Exposição, e sua esposa, ofereceram, há dias, na sua residência, um chá, a que assistiram os srs. tenente Henrique Galvão, director-técnico; Henrique Mouton Osório, engenheiro e chefe dos serviços técnicos; Eduardo Lopes, secretário Geral da Exposição; e os artistas, em serviço nas obras da Exposição, Octávio Sérgio, José Luis Brandão, Abel Moura e Ventura Júnior.

Leal da Câmara, num pequeno brinde, agradeceu todas as provas de camaradagem que lhe tem sido dispensadas por todos os que trabalham para o êxito do certame.

Respondeu o sr. tenente Henrique Galvão, em breves palavras, dizendo que esperava que, no encerramento da Exposição, todos os que, ali, prestam o seu esforço se tornem amigos.

### Representação de Moçambique

De Moçambique veem, também, tomar parte no certame cinco famílias de landins e uma orquestra típica de *marimbas*.

### Representação de Timor

O governador de Timor informou que embarcou, em Díli, a representação de indígenas daquela Colónia, com destino à Exposição, devendo chegar a Lisboa em 14 de Maio próximo.

### A colonização portuguesa nos últimos quarenta anos

Na antiga sala D. João V, que deve estar concluída em 30 do corrente, ficará instalada, numa síntese perfeita e extremamente elucidativa, a obra da colonização portuguesa nos últimos quarenta anos, que, por assim dizer, será o expressivo índice de toda a Exposição.

### Etnografia de Angola

Chegou já, a valiosa e interessantíssima coleção etnográfica de Angola, pertencente a monsenhor Alves da Cunha, que, como ULTRAMAR anunciou, vai figurar no certame.

### Conclusão das obras de construção

As obras de construção do certame devem estar concluídas no fim do corrente mês.

### Estação de bombeiros na Exposição

A direcção da Exposição solicitou à Câmara Municipal do Pórtio a instalação duma estação de bombeiros no recinto da Exposição.

### Companhia da Zambézia

A Companhia da Zambézia resolveu concorrer à Exposição Colonial.

### Concurso de Tiro entre as nações coloniais

Organizadas pela Sociedade de Tiro n.º 43, sob o patrocínio do director da Exposição Colonial e da Federação do Tiro Nacional Português, realizar-se-ão, em Agosto, nesta cidade, importantes provas de tiro, com armas de precisão e de guerra.

Concorrerão não só os nossos melhores atiradores como, também, os atiradores representantes das seguintes nações coloniais: Espanha, França, Itália, Holanda, Inglaterra, Dinamarca e Bélgica, que, para esse efeito, vão ser, oficialmente, convidadas.

O programa definitivo das provas está a ser elaborado com o maior cuidado. Aquelas obedecerão, em absoluto, aos moldes das provas dos encontros internacionais, que se disputam, anualmente, para os campeões do Mundo.

Serão disputadas taças valiosíssimas, que ficarão de posse das nações vencedoras do torneio, e, ainda, objectos de arte e medalhas de ouro, prata e bronze, destinadas

aos atiradores melhor classificados. A carreira de tiro da Serra do Pilar, onde serão disputadas as provas com armas de precisão, passou, ultimamente, por grande transformação, pelo que ficaram muito melhoradas as condições para a prática do tiro, mostrando, ao mesmo tempo, condições de comodidade para os atiradores, o que a coloca, sob esse aspecto, em superioridade em relação às outras.

Para as provas com arma de guerra estão, também, a ser levadas a efeito, na carreira de tiro de Espinho, diversas obras, que permitirão que as provas se realizem com a maior eficiência.

### Exibição de relíquias religiosas

Durante o período da Exposição, estarão expostos, na igreja de S. Francisco, desta cidade, os seus ricos andores e alfaias, a magnífica Custódia, o valioso quadro de Vieira Portuense e a cripta, que era, outrora, o cemitério da Ordem.

### Excursão da Galiza

Segundo comunicação recebida da Corunha, está sendo organizada, ali, uma grande excursão, que visitará esta cidade durante a Exposição Colonial. Nela tomará parte o notável agrupamento artístico galego «Polifónica da Corunha».

### Representação de Macau

O sr. ministro das Colónias determinou que, do mostruário de Macau, destinado à Exposição, façam parte tecidos vários, de fabrico local.

### Representação de Cabo Verde

Devem chegar, em Junho, a Lisboa os indígenas de Cabo Verde, que vão figurar na Exposição.

### Documentários náuticos

Ao sr. Henrique Monfroy Seixas, de Lisboa, que possui um valioso museu de *maquettes* de navios e aparelhagem náutica, vai ser pedida a cedência dalguns documentários para figurarem na Exposição.

### Representação da Armada

Vai ser particularmente notável a representação da nossa Armada e, para a preparar, visitou os trabalhos da exposição o sr. comandante Oscar de Carvalho, delegado do Ministério da Marinha.

Ali, tratou de assuntos que se prendem com o *Grupo da Marinha*, que vai figurar, no Palácio das Colónias, em lugar de destaque. Esse grupo representará a acção da Marinha de Guerra nos últimos quarenta anos, na ocupação e soberania das Colónias e a reorganização da mesma, focando a sua importância e oportunidade.

Para documentar essa demonstração, serão cedidos, por empréstimo, os seguintes artigos: Pela Escola Naval: *maquettes* do cruzador *Adamastor* e *Gonçalo Velho*, e bandeira nacional que pertenceu ao *Adamastor* das Construções Navais: *maquettes* da canhoneira *Beira* e do aviso *Pedro Nunes*. Pelo Depósito de Material de Guerra: uma metralhadora *Nordenflield*, que serviu nas campanhas de Gaza; uma metralhadora *Hotchkiss*, que serviu nas campanhas do Sul de Angola e no norte de Moçambique; um canhão-revólver, que serviu nas campanhas da Guiné; uma peça *H. 37* que serviu nas lanchas do Zambéze; oito espingardas *Mouser*, que pertenceram ao batalhão de Marinha da campanha do Sul de Angola; oito espingardas *Krope*, que pertenceram à companhia de Marinha que operou na Guiné, e oito espingardas *Mane*, 6,5, que tem sido utilizadas em várias campanhas. Pela Sociedade de Geografia: a bandeira do batalhão de Marinha que esteve no Cuamato.

### Exposição iconográfica do Município do Pórtio

Como ULTRAMAR já anunciou, a Câmara Municipal do Pórtio está a organizar uma exposição iconográfica da cidade, na

qual figurarão documentos, gravuras, fotografias, etc., referentes à evolução e história da capital do Norte, e que deverá coincidir com a Exposição Colonial.

Para figurarem nessa exposição, pensa a Comissão Administrativa da Câmara adquirir ao sr. Rafael Calado, de Torres Vedras, um retrato a óleo de Manuel Fernandes Tomaz, um dos chefes da revolução de 1820; uma fotografia do convento da Avé-Maria e uma lito-gravura com a cópia da planta da cidade, feita em Londres e oferecida ao brigadeiro sr. Nicolas Trant, que foi governador do Partido do Pórtio.

### Lenços para os grupos excursionistas

Estão quasi prontos na Fábrica da Areosa os lenços estampados com um desenho alusivo à Exposição Colonial, que vão ser oferecidos a todos os componentes de «ranchos», grupos excursionistas e outros, que se desloquem ao Pórtio, durante a Exposição.

Iguais lenços serão oferecidos a todos os indígenas.

### Medalha comemorativa da Exposição

A Agência Geral das Colónias vai mandar cunhar uma artística medalha comemorativa da I Exposição Colonial, que será entregue, aqui, a todas as pessoas que visitem o certame e que provem ter sido combatentes nas Colónias.

É uma ideia de-veras interessante, que deve constituir uma excelente recordação para muitos dos que, nas terras africanas, se bateram pela nossa integridade colonial.

### Colaboração da Sociedade de Geografia de Lisboa

A Sociedade de Geografia de Lisboa vai enviar para o Pórtio, a-fim-de serem colocadas no recinto da Exposição Colonial, as figuras modelos das estatuetas do cronista Eanes de Azurara, dos historiadores Fernão Lopes, João de Barros e Lopes Castanheda, dos cosmógrafos Pedro Nunes e Jerónimo Corte Real, de Vasco de Quevedo e Sá de Miranda, cantores épicos das nossas descobertas e conquistas, as quais, como se sabe, emolduram a estátua de Luís de Camões, em Lisboa.

### Propaganda do certame na Espanha

Nas províncias espanholas limítrofes de Portugal vão ser afixados 1.000 cartazes de propaganda da Exposição. O diário de Madrid *La Nación* vai passar a publicar uma página semanal, dedicada a Portugal e, especialmente, a esta cidade e à Exposição Colonial. Será organizada pelo sr. Gonzalo La Torre, redactor-chefe daquele diário.

Vão realizar-se, durante a Exposição, várias excursões a esta cidade. No sentido de intensificar-se no estrangeiro a propaganda do certame, vai a Rádio-Corunha emitir de 15 de Abril em diante um elucidativo reclamo permanente na Exposição.

O jornal *Voz da Galícia*, da Corunha num dos seus últimos números inseriu um elogioso artigo enaltecendo o objectivo da Exposição.

### A Casa do Douro na Exposição

A Casa do Douro, que tão relevantes serviços tem prestado à sua região, e a Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes vão construir, também, dois *stands*, cujas obras começarão, em breve.

### A actividade do Grupo Excursionista «Alma Lusa»

Continuam a chegar ao Grupo Excursionista «Alma Lusa» muitas adesões para a parada de apoteose à I Exposição Colonial, as quais serão brevemente publicadas.

Em virtude dum acórdão feito com a Federação das Sociedades de Recreio, de Lisboa, que, em 5 de Agosto, efectuara uma excursão ao Pórtio, resolveu a comissão administrativa do «Alma Lusa» fazer coincidir a parada com a recepção, que será imponente.

Projecta-se, também, uma largada de

pombos correios, no mesmo dia, que será a maior até hoje realizada no nosso País, estando já entabuladas negociações, neste sentido, com um importante clube columbófilo desta cidade.

Resolveu a comissão administrativa daquele Grupo, publicar um número especial do seu jornal *Alma Lusa*, por ocasião da abertura da Exposição, cuja distribuição será feita, desde Maio, pelos grupos excursionistas que vão em digressão pelo País. Far-se-á, assim, a máxima propaganda do certame.

Todos os grupos excursionistas, recreativos, musicais, de arte e instrução, Caixas de 20 Amigos e *clubs* do Norte que ainda, não tenham recebido a circular e boletim em distribuição, podem requisitá-los para a Rua da Fábrica, 42, Pórtio. Todas as colectividades que estejam de posse das mesmas circulares devem enviar uma imediata resposta.

### Congresso de Intercâmbio Comercial com as Colónias

O Congresso de Intercâmbio Comercial com as Colónias, deve realizar-se como ULTRAMAR já anunciou, no próximo mês de Setembro, reunindo-se, em breve, as associações comerciais promotoras daquele Congresso, a-fim-de ser aprovado o seu programa e fixada a data da sua inauguração.

O programa e respectivas teses serão submetidos às associações comerciais e industriais do Continente, Ilhas e Colónias.

### A epopeia dos Descobridores e Conquistas dos Portugueses na Exposição

A Sociedade de Geografia vai publicar uma memória que conterá o resumo cronológico das primeiras viagens marítimas e terrestres dos portugueses, dos principais locais, regiões, cidades, vilas e ilhas visitadas, descobertas ou conquistadas por eles, ou sob a sua influência; da população e área dos nossos domínios do ultramar e das colónias livres portuguesas em países estrangeiros; da influência que a nossa língua teve em todas as da Ásia, mostrando, assim, a grande acção do nosso antigo império indiano, etc. Esta memória destina-se à Exposição Colonial.

### Luna-Parque

Na segunda quinzena do mês corrente, deve proceder-se aos trabalhos das várias diversões que formam o Luna-Parque da Exposição.

### «Livro de Ouro»

O sr. Manuel Ribeiro de Araújo fez o oferecimento dum *Livro de Ouro*, destinado a arquivar todas as assinaturas das personalidades mais em evidência que visitarem a Exposição.

### Concurso de diplomas da Exposição

Após o concurso de diplomas aberto na Exposição Colonial concorreram quatro artistas nas condições regulamentares.

Examinados os projectos, foi o primeiro prémio atribuído à *maquette* subscrita com a legenda *Aquem e Além Mar* e o segundo prémio conferido à que era designada por *O Futuro*. Abertas as cartas que as acompanhavam, verificou-se pertencer à primeira ao sr. João Ricardo da Silva, sob a concepção do sr. Afonso de Dornelas e a segunda ao sr. Antero Leal.

As duas *maquettes* restantes não foram consideradas dignas de qualquer prémio ou menção e encontram-se na Direcção da Exposição à disposição dos seus autores.

### Acampamento Nacional Escoteiro

Após as férias da Páscoa, reuniu a Comissão Organizadora do Acampamento Nacional Escoteiro.

Pelo escoteiro-chefe, sr. Alberto Saraiva, foi lido um relatório de todos os factos decorridos na última quinzena e do encontro que teve com o director da Exposição Colonial Portuguesa, sobre o assunto.

Este relatório mereceu larga apreciação. Foi resolvido iniciar novos trabalhos nos terrenos destinados ao Acampamento e enviar à Comissão Executiva todos os projectos de selos comemorativos, para que a mesma proceda à sua classificação.

Além dum ofício dos Serviços Centrais, aprovando os trabalhos realizados por esta Comissão, constava do expediente, correspondência do Núcleo de Lisboa e grupos da província e ilhas.

Esta Comissão tomou ainda conhecimento dos trabalhos que se estão realizando para a representação do nosso país na Con-

**EVANORTE** CABELEIREIRO  
DE  
SENHORAS

**FLORENCIO TEIXEIRA**

Diplomado pelo Instituto Virel de Lisboa

Rua Sá da Bandeira, 136-1.º

TELEFONE 4634

**PORTO**

Visite V. Ex.ª esta casa, a mais moderna e mais central do Pôrto

Ondulações Permanentes completas . . . . .	60\$00
Corte de cabelo . . . . .	3\$00
Lavagem de cabeça . . . . .	4\$00
Ondulações Marcel . . . . .	6\$50
Mise en Plis . . . . .	7\$50
Descolorações, desde . . . . .	5\$00
Tintas Komol ou Inecto desde . . . . .	20\$00
"Manicure" . . . . .	5\$00

ferência Internacional do Escotismo Colonial que, no ano corrente, se realiza em Paris.

Resolveu, também, fazer-se representar pelos escoteiros-chefes srs. Alberto Saraiva e Amadeu Cândido Braga, na recepção ao chefe mundial dos escoteiros que, acompanhado de sua esposa e algumas centenas de chefes, visitou Lisboa, em 12 do corrente.

**Sessão da Comissão Executiva — O preço das entradas na Exposição**

Reúnem-se há dias, a Comissão Executiva da Exposição Colonial, sob a presidência do sr. tenente-coronel Júlio Garcez de Lencastre, Agente Geral das Colónias, que tomou conhecimento dos trabalhos e homologou contratos e concessões.

Foi resolvido cumprir rigorosamente o artigo 21.º do Regulamento Geral, que não permite a concessão de mais de um bilhete de identidade a cada Expositor, disposição que aliás é conhecida de todos os concorrentes ao certame.

Para os organismos e associações que teem prestado o seu concurso à Exposição e às quais a Comissão Executiva está muito reconhecida, foi deliberado conceder três bilhetes para três dos seus directores.

O preço das entradas foi fixado em 2\$50 normalmente, podendo o Director-técnico, em dias de gala, festas especiais ou quando entender, aumentar esta taxa para Esc. 5\$00.

Logo que o entenda oportuno, fixará, também, em cada semana, um «dia popular» com entradas a 1\$50.

Para facilitar a aquisição de bilhetes vão ser editados *carhets* de dez entradas, que serão postos à venda em vários locais.

Na acta da reunião foi consignado um voto de satisfação pela terceira visita que às obras de montagem fez o sr. Ministro das Colónias.

**Reunião da Comissão Executiva da Exposição**

Reúnem-se, há dias, a Comissão Executiva da Exposição Colonial, sob a presidência do sr. tenente-coronel Garcez de Lencastre, Agente Geral das Colónias, que tomou conhecimento dos trabalhos e homologou contratos e concessões.

Foi resolvido cumprir rigorosamente o artigo 71.º no Regulamento Geral, que não permite a concessão de mais de um bilhete de identidade a cada Expositor, disposição que aliás é conhecida de todos os concorrentes ao certame. Para os organismos e associações que teem prestado o seu concurso à Exposição e às quais a Comissão Executiva está muito reconhecida, foi deli-

berado conceder três bilhetes para três dos seus directores.

O preço das entradas foi fixado em 2\$50, normalmente, podendo o director-técnico, em dias de gala, festas especiais ou quando entender, aumentar até 5\$00. Logo que o entenda oportuno, fixará, também, um *dia popular*, com entradas a 1\$50.

Para facilitar a aquisição dos bilhetes vão ser editados *carhets* de dez entradas, que serão postos à venda em vários locais.

Na acta foi consignado um voto de satisfação pela terceira visita que às obras para o certame fez o sr. Ministro das Colónias.

**Interesses coloniais**

**Ainda a viagem do Príncipe Jorge a Angola**

O sr. governador geral de Angola, coronel Eduardo Ferreira Viana, enviou ao sr. Ministro das Colónias a cópia do discurso que pronunciou por ocasião do jantar de gala oferecido ao Príncipe Jorge de Inglaterra, no Lobito. Disse assim:

«Alteza: É com a mais viva satisfação, que a colónia de Angola, a maior colónia do Império Colonial Português, recebe a visita de um Príncipe Ilustre da Família Real Inglesa.»

As relações de amizade que existem entre Portugal e Inglaterra, são conhecidas no mundo inteiro, pela secular aliança que se tem mantido absolutamente intangível, através dos maiores cataclismos, variados interesses e lutas, e agora mais forte do que nunca, pela política actualmente seguida pelo Governo Português.

Todos os portugueses veneram com respeito e gratidão a memória de uma ilustre Princesa Inglesa da casa de Lancaster, e que, conhecida pelo nome de Filippa de Lencastre, foi a maior de todas as rainhas portuguesas. Foi a iniciadora da brilhante dinastia de Aviz, foi a mãe e educadora do Infante D. Henrique, fundador da Escola de Sagres, a escola que preparou os marinheiros portugueses para a série brilhante dos descobrimentos levados a efeito nos séculos XIV e XV.

Ainda o dia de hoje — 9 de Abril — o dia consagrado por Portugueses ao esforço da sua entrada na Grande Guerra, me recorda horas de amargura infinita, em que portugueses e ingleses, lado a lado, nos campos da Batalha da Flandres, como verdadeiros irmãos, derramavam o seu sangue

no sacrossanto e levantado dever de se baterem pelas suas Pátrias.

Acaba Vossa Alteza de atravessar Angola, vindo em tôda a parte por onde passou — domínio, sossego e trabalho, e numa hora difícil de crise e de luta, orgulho-me de governar uma colónia que, como esta, só vive para o trabalho e para honrar a sua Pátria.

Aproveito esta ocasião para testemunhar a Vossa Alteza a minha admiração pela obra colonizadora da Inglaterra. Conheço, na sua maioria, as Colónias Inglesas da África e da Ásia; elas são o orgulho de um povo ilustre, e a glória de uma Nação.

Houve por bem o Governo Português, que eu aqui represento, agradecer-vos com a mais valiosa e linda Ordem Honorífica que possuímos para as Colónias — a Gran-cruz do Império Colonial Português. É nosso grande desejo ver brilhar no peito de um ilustre Príncipe da Família Real Inglesa uma condecoração que lhe recorde para sempre a sua passagem pela portuguesa colónia de Angola.

Para terminar, brindo: pelas felicidades pessoais de Sua Majestade o Rei Jorge V, pelas maiores prosperidades para a nossa aliada Inglaterra, pela felicidade pessoal de Vossa Alteza.»

**GUINÉ**

O governo da Guiné comunicou que se tem desenvolvido muito naquela colónia a

cultura do arroz, tendo aumentado a procura e subido de preço o que dá maiores proventos aos indígenas que se empregam nessa cultura.

**MOÇAMBIQUE**

As receitas alfandegárias do Pôrto da Beira em Fevereiro elevaram-se a £ 19.498 contra £ 14.465 em igual mês do ano transacto.

**A solenidade da inauguração do certame**

A Direcção da Exposição convidou, oficialmente, o sr. Presidente da República, Governo e Corpo Diplomático a honrar com a sua presença a abertura, solene, da Exposição Colonial Portuguesa, que está marcada para 15 de Junho próximo.

**O Fibro-Cimento Nacional "LUSALITE"**

é um material **leve, resistente, incombustível**. Preserva do calor no verão, do frio no inverno. Resiste à humidade e aos insectos. A sua **duração é ilimitada**.

Para o continente e para as colónias deve ser preferido em tôdas as construções, quer para telhados, quer para tetos e revestimentos interiores

Fornece-se em chapas lisas e onduladas desde Esc. 8\$00 o metro quadrado.

DEPOSITÁRIOS GERAIS: **Corporação Mercantil Portuguesa, L.ª**

Telef.: 23948

28941

End. tel.: FIBROCEMENTO

Rua do Alecriam, 10 LISBOA

**Colégio Almeida Garrett**

Praça do Coronel Pacheco, 1

TELEFONE, 4527

**PORTO**

**DIRECÇÃO:**

- P.º Guimarães Dias
- P.º Adão de Carvalho
- Dr. Carlos Aguiar
- Dr. Avelino Soares

**CURSOS:**

- Primário
- Liceal
- Comercial

A sua população escolar superior a 500 alunos é um índice da

**PREFERENCIA MERECEIDA**

O sr. Presidente do Ministério e Ministro das Finanças, acompanhado dos seus colegas do Interior e das Obras Públicas e ainda do Sub-Secretário de Estado das Corporações e Previdência Social, visitou, no sábado passado, e pela primeira vez oficialmente, a cidade do Porto, cuja população o recebeu com frizantes demonstrações de apreço, carinho e entusiasmo.

Na sessão de boas-vindas, realizada, com invulgar concorrência e calorosa animação, no hall do Palácio da Bolsa, o sr. Dr. Oliveira Salazar pronunciou um notável discurso, cheio de eloquência, patriotismo e vibração, de que o ULTRAMAR — que aproveita a ocasião para testemunhar a Sua Excelência as suas homenagens de admiração e respeito, — transcreve as seguintes passagens:

*«Portugal não se fez ou unificou nos tempos modernos nem tomou a sua forma com o ideal pagão e anti-humano de deificar uma raça ou um império. Constituiu-se com os limites que ainda hoje tem na Ibéria já nos séculos XII e XIII e com imensos domínios na África, na Ásia, na Oceania e na América nos séculos XV e XVI, defendendo do islamismo a civilização romano-cristã e dilatando esta por novos mundos. Esta vitória, transcendente para a humanidade, conseguimos-la quando os outros Estados da Europa se envolviam em lutas de dinastias, de cismas, de heresias, que a ensangüentavam.*

*A universalidade de ideia e de acção no curso da evolução católica e europeia, dirigida à elevação material e moral da espécie, eis a característica da história da nossa pátria. Foi com ela que firmamos baluartes admiráveis de defesa ocidental na Mauritânia, povoamos os arquipélagos atlânticos, bordamos de fortalezas e feitorias os contornos da África e do Ocidente, abrimos o caminho para as relações de todos os povos e fizemos o Brasil.*

*Essa virtude numérica do nosso espírito histórico foi, é certo, eclipsada em curtas décadas — momentos breves da marcha humana. Mas nem morria na alma da nação ou até mesmo na essência das instituições, nem deixou de se expandir com vitalidade logo que, isenta de influências estranhas, pôde de novo tomar plena consciência de si própria.*

*A pesar-dos erros e contradições anár-*



## O SR. PRESIDENTE DO MINISTÉRIO,

QUE NO PORTO FOI RECEBIDO COM CALOROSO ENTUSIASMO, VISITOU AS OBRAS DA EXPOSIÇÃO COLONIAL, CUJOS TRABALHOS ELOGIOU

*quicos, desde o meado do século XIX, foi revivendo no continente a virtualidade fecunda da civilização cristã e do progresso geral que está na essência da alma portuguesa. Além, nos restos ainda grandiosos das antigas descobertas e conquistas, por efeito do mesmo renascimento, foi-se alargando o novo trabalho da nossa ocupação política, da nossa evangelização, da nossa administração tutelar, da nossa colonização e das relações entre os domínios e a mãe pátria. Por último a Ditadura Nacional, atacando pela base todos os elementos doutrinários de desagregação e criando o equilíbrio financeiro que tem de estar na base da restauração geral, veio dar condições de amplo desenvolvimento ao espírito imanente da tradição que fez Portugal nascer, crescer, brilhar e tem a virtude de lhe dar solidez e perpetuidade. Pelos seus decretos, pela nova Constituição do Estado, pelo Acto Colonial, pelo Estatuto das Missões Católicas Portuguesas, pela Carta Orgânica do Império, pela reforma administrativa colonial, vai assegurando, dentro da nossa herança de aquém e de além-mar, a seqüência da nossa missão histórica.*

*Portugal e o seu Império de além-mar são um só corpo territorial e político, feito pela história de séculos no globo, para assegurar a independência, a expansão, a actividade económica e o intercâmbio do*

*primeiro povo que foi procurar com duros trabalhos e sacrificios, nos oceanos e mundos novos, o complemento da sua acanhada sede europeia. Impõe-se aos portugueses de hoje com a força das suas tradições, com o poder da sua gente empreendedora, com a justa aplicação dos seus capitais e do seu crédito, com a coordenação das suas produções agrícolas e industriais, conservar e desenvolver a sua integridade geográfica na Ibéria, na África e no Oriente.*

*Estamos ansiosos pela abertura da Exposição Colonial a que o Porto quis patrioticamente dar um concurso decisivo, para ser bem patente a todos e de modo especial a alguns, mais esquecidos que ignorantes, o que tem sido por um lado em sacrifício de vidas e fazenda a nossa epopéia colonial e por outro a obra por nós silenciosamente realizada em benefício da paz, do progresso económico e da humanização. Há tal desconhecimento e tão generalizado duma obra talvez não excedida por ninguém, que, depois de ser erro, passaria a ser crime contra a pátria, não fazer incidir sobre ela toda a luz.*

*Por alto designio da Providência que rege o mundo, Portugal não precisa hoje de guerras, usurpações ou conquistas, e está fora do domínio das competições internacionais. Para a existência equilibrada*

*e segura da pátria, em convívio amigável com os outros Estados, precisa apenas de dar novo vigor às ideias e instituições que estão nos seus alicerces antigos. — Eis o que a revolução se propõe.»*

O sr. Presidente do Ministério no domingo passado visitou, pelas 10 horas e meia da manhã, as obras de montagem da Exposição Colonial no Palácio de Cristal, sendo recebido pelo sr. tenente Henrique Galvão, director-técnico da Exposição e do ULTRAMAR, autoridades civis e militares, membros da Comissão Pró-Colónias, tenente-coronel Júlio Garcez de Lencastre, Agente Geral das Colónias, que representava o sr. Ministro das Colónias, etc.

O sr. Dr. Oliveira Salazar, que se fazia acompanhar dos srs. Ministro do Interior e das Obras Públicas e do Sub-Secretário de Estado das Corporações, percorreu, vivamente interessado, todo o vasto recinto, retirando com as melhores impressões.

Finda a visita, o sr. Dr. Oliveira Salazar manifestou ao sr. tenente Henrique Galvão as suas felicitações pela actividade tam notavelmente desenvolvida nas obras da Exposição, que há-de, incontestavelmente, atingir um brilhante êxito nacional.

### Planta-guia da Exposição

O sr. Amedeo Venanzi, de Gaia, fez uma edição a cores da «Planta-guia» da Exposição.

É um trabalho útil e esclarecido, muito apreciável para todos os visitantes.

Nessa «planta» figuram indicados, em desenhos miniaturais, todos os pavilhões, aldeias indígenas, recintos de recreio, monumentos, «zoo», teatros, etc. Meneiona, também distribuídos pelas diversas ruas coloniais, todos os expositores e números dos stands do certame.



Angola e Distrito de Benguela — Produtos de olaria na Circunscrição Civil de Quiengus.



Cartaz que a Associação dos Comerciantes do Porto distribue largamente pelo País



Um dos placards de reclamo ao certame da Exposição Colonial. É da autoria do artista Armando Correia.